

O coração nas estrelas em Almada

O Festival de Almada circula a palavra por entre sublimes realizações, sem esquecer danças e espetáculos físicos

TEXTO JOÃO CARNEIRO

Em 1819, o compositor Carl Maria von Weber compôs uma peça para piano, a que chamou “Convite à Dança” (“Aufforderung zum Tanz”). Basicamente, depois de uma introdução lenta, a peça desenvolve-se num ritmo de valsa, para terminar por uma recapitulação do motivo lento inicial. Era e é uma peça de concerto, não sendo a dança o seu destino primeiro, apesar de ser a dança a sua matéria temática central. Em 1841, estreou uma versão desta mesma composição, orquestrada por Hector Berlioz, destinada a integrar, como música de ballet, as representações da ópera “Der Freischütz”, em Paris. Em 1911, o coreógrafo Michel Fokine coreografou esta versão orquestral para os Ballets Russes de Sergei Diaghilev, e para os bailarinos Vaslav Nijinski e Tamara Karsavina. Utilizou, como matéria temática,

um poema de Théophile Gautier, “Le Spectre de la Rose”, que deu o nome ao bailado. No poema, a rosa que a rapariga levou ao baile volta, em espírito, para falar daquela noite, do baile, e da sua vida além da morte. Porque falamos disto a propósito do Festival de Almada? Porque, este ano, um dos espetáculos é “Brel”, concebido e dançado por Anne Teresa de Keersmaecker e por Solal Mariotte a partir de canções do artista belga Jacques Brel (1929-1978). A música foi sempre parte integrante do trabalho de Anne Teresa. A música clássica, antiga e contemporânea; a música ligeira, como Joan Baez para um solo em 2002. Da mesma maneira que o movimento nas obras da artista não pode, geralmente, ser dissociado da música, esse movimento não pode, também, ser dissociado de alguns princípios, aparentemente muito simples, que regem a criação

coreográfica — os movimentos circulares, os movimentos dos braços que acompanham estes movimentos e que surgem naturalmente quando as crianças dançam; os movimentos da marcha, do andar a pé, do corpo que se desloca de um lado para o outro. Mariotte vem do hip-hop, de uma fisicalidade diferente da de Anne Teresa. Ela tem 65, ele tem 25 anos. E foi ao ver o início de Brel, os círculos de luz e as variações fluidas e pendulares da circularidade, e como as linguagens dos dois bailarinos e coreógrafos se fundiam e articulavam com a música e as palavras de Brel, que “O Convite à Dança” veio em turbilhão — ao mais puro prazer de dançar, de fazer a dança e de a mostrar, com “o coração nas estrelas”, como diz Brel numa das suas canções (CCB, Lisboa, dias 11 e 12).

O outro grande pilar do Festival (que, como habitualmente, tem direção artística de Rodrigo Francisco) é “Platonov”, de Tchékhov, na encenação de Peter Stein, estreada em Spoleto há poucos dias. Tchékhov escreveu a peça aos 18 anos, mas nunca a viu representada. É uma peça de juventude e nela está tudo aquilo que Tchékhov veio a escrever, das peças aos contos. Platonov é o homem e o eixo em torno de quem giram todas as personagens, as mulheres que o amam, os homens de quem é amigo, aqueles que o detestam, os criados, os ricos e os pobres. Platonov não é bom nem mau, é tudo ao mesmo tempo, é terrível, sedutor, odioso e generoso. Por ele vem o mal, vem a vida e, inevitavelmente a morte. “Platonov” é a humanidade inteira, a arte inteira, comovente como todas as peças de Tchékhov, um drama e um romance (Teatro Municipal Joaquim Benite, Almada, domingo e segunda).

No meio, há todo o resto, da palavra ao teatro físico. “A Gaivota” — ainda Tchékhov — circula pelos admiráveis “Só Mais Uma Gaivota”, de Inês Barahona e Miguel Fragata (Fórum Municipal Romeu Correia, Almada, dias 14, 15 e 17), e “Ansioliticamente Falando”, de Raquel Castro (Academia Almadense, domingo, terça e quarta); por “La Lettre”, de Milo Rau, em que dois atores tentam encontrar um caminho por entre “A Gaivota” e Joana D’Arc (Escola D. António da Costa, 12); e em “La Mouette”, de Christian Benedetti (EDAC, 18), ou “Le Sommet”, de Christoph Marthaler (TMJB, 17 e 18). ●



FESTIVAL INTERNACIONAL DE TEATRO DE ALMADA

Vários locais, Almada e Lisboa, de 4 a 18
ctalmada.pt



Solal Mariotte e Anne Teresa de Keersmaecker em “Brel”, que se apresenta no CCB nos dias 11 e 12